

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## Preço da assignatura

Aveiro: 100 números, 25000; 50, 12000; 25, 500 réis.—Fôra de Aveiro: 100 números, 25250; 50, 12125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 números (moeda forte), 43500.—Pagamento adiantado.—Aviso, 20 réis.

## PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia  
Espírito Santo, 71

## Preço das publicações

Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Communicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes tem o desconto de 50 p. c.

## Aveiro

### Os primeiros que fogem

Não fiz mais do que voltar contra o Cunha e Costa as suas próprias palavras e argumentos. Não creei adjectivos; appropriei os do Cunha e Costa. Não engendrei descomposturas; serviram-me as do Cunha e Costa. Não fui eu que o defini; foi elle que se definiu a si proprio.

Cunha e Costa disse, falando a meu respeito:

«Alguns, não podendo negar-lhe a rigidez de caracter e a firmeza de convicções, desfazem-se em intermináveis objuratorias sobre os desmandos da sua linguagem. Estes desmandos consistem em Francisco Christo possuir o maldicto sêstro de chamar ás cousas pelos seus nomes.

Faz bem. Um malandro é sempre um malandro. E' o termo. Quem não quer que lh'o chamem procede de fôrma a não o merecer.»

Ora, Cunha e Costa ainda não fez outra coisa na *Voz Publica* senão accusar-me de eu ter chamado nomes feios a Pedro, a Paulo, a Sancho e a Affonso. Cunha e Costa diz que os meus termos são grosseiros, são reles, são ealumniosos, são ordinarios, são vis. Cunha e Costa desfaz-se em intermináveis objuratorias sobre os desmandos da minha linguagem.

Ora venha cá, José Cunha: você estudou logica? Sabe o que isto é? Então diga-me: quando é que você é malandro, é quando me applaude por eu chamar ás coisas pelo seu nome, foi quando você me achava honrado de mais para o periodo egoista que atravessamos, foi quando você achava malandro o Terenas, transfuga vergonhoso o José Barbosa, canalhas o Gomes da Silva, o Hygino de Sousa e outros redactores da *Revolução de Janeiro*, delactor vilissimo o Santos Cardoso, pulhas todos os Elias, na sua phrase pittoresca, ou é quando me censura e injuria por eu ter dicto exactamente o mesmo que você disse? Logicamente ninguem dirá que você, José Cunha, não fosse malandro pelo menos uma vez. A unica attenuante, que se lhe pôde dar, é esta: você ter sido malandro uma só vez. A unica graça, a de você escolher a epocha e a occasião em que o foi. Quando foi ou quando é você malandro, José Cunha, foi quando fez um titulo de gloria das minhas verrinas contra o partido republicano e os seus homens, ou quando faz d'ellas a minha ignominia?

Você diz que as cartas particulares e os jornaes, em que me engrandeceu a mim e injuriou aquelles que agora engrandece, são a sua melhor defesa. Você ha de ir longe como advogado, José Cunha! Ha de fazer fortuna e salvar gente da cadeia!

Você diz que quando me conheceu gosava eu de pessima reputação em Aveiro e Lisboa. Mas que ficou commigo por não ter por habito julgar ninguem por simples boatos. E como julgou você os outros de quem disse mal, ó José Cunha? Como julgou você os pulhas dos Elias e os canalhas da *Revolução de Janeiro*? Como

julgou você os covardes e os ineptos do directorio: foi por boatos ou foi por factos? Quando foi você malandro: foi quando os julgou por factos ou quando os julgou por boatos?

Pobre José Cunha, que só lhe resta, como ao Bertholdo, a escolha da arvore em que ha de ser enforcado. Escolha lá, ó José Cunha! Deixamos-lhe a liberdade da escolha.

Mas, José, ha de passar antes pelo oratorio. Se quando você, Cunha, vivia em Aveiro (só lá havia christistas), como você diz textualmente, como é que você escreve ao mesmo tempo que a minha reputação era pessima n'essa mesma terra onde só havia christistas?

Diga-me uma coisa, Cunha, já agora diga-me tudo: você tem quem lhe dê cinco réis a ganhar, ahí no Porto, como advogado? Se você nem sabe defender a sua causa, como ha de você defender as causas dos outros? Se você anda ahí a jogar a cabra cega, ás cabeçadas, a esmurrar as ventan nas paredes, quem ha de fiar de você a sua fazenda ou liberdade? Ou será o Porto uma terra de asnos?

Sapateiro, você não passa d'um sapateiro, José Cunha!

Convidei-o para meu immediato n'um jornal? Convidei, sim. Já sabia que você não inventara a polvora. Já sabia que o seu unico merito intellectual estava n'umas phrases de tribuno dançarino. Mas, francamente, agora, só agora, é que eu sei bem o que você é! O Cunha não é um advogado, o Cunha não é um jornalista. O Cunha é simplesmente um sapateiro!

Convidei-o? Convidei. Se já lhe não conhecia meritos notaveis de intellecto, suppunha-lhe ao menos a qualidade de republicano sincero e homem honrado. E isto é muito, José, no periodo egoista que nós atravessamos. Depois, quantos tem o partido republicano mais bem dotados de cabeça que você?

Mas voltemos lá para o oratorio. Como foi que teve a honra, Cunha e Costa, de lhe ser apresentado no verão de 1890, se você em 23 de março do mesmo anno já escrevia o tal celebre artigo do *Povo de Aveiro* em que fazia de mim um heroe por eu chamar malandro a quem é malandro? Então eu é que era o mestre, eu é que era o Messias e eu é que era o apresentado a você? Que figura desempenhava você então ahí?

Na verdade, já não percebo o que elles querem fazer de mim! O Heliodoro collaborou no *Povo de Aveiro*, de que eu era o inspirador, com a dedicação d'um fanático. Mas quando encontra o Messias põe-se a rosñar, de pé atrás, é o Messias que tem de lhe beijar a mão. O Cunha e Costa desata a metter-se-me debaixo dos pés e, por mais que eu lhe dissésse que estivesse quieto, a sua mania toda era elevar-me até ao céu. Mas dias depois encontra-me e faz-se lord. Eu é que tive de o cumprimentar de chapéu na mão. Emfim, eu sou o portaestandarte da rebellião contra o directorio. Mas a paginas tantas vou a olhar para traz e vejo-os todos ás pedradas a mim e a gritar: «nós não sabiamos o que faziamos, nós não sabiamos o que faziamos, arre, seu maroto, que nos enganou!»

Estou pasmado, e a pena que eu tenho é não ter sabido a tempo que estes tratantes eram uns anjinhos!

Mas, Cunha e Costa, se é uma infamia eu publicar-lhe as suas cartas, o que vem a ser o você servir-se das cartas d'um morto, d'um homem que já não existe para responder pelas suas palavras, d'um homem a quem já se não podem pedir responsabilidades?

Eu viro-o de baixo para cima, da direita para a esquerda, de dentro para fóra e você não me apparece por toda a parte senão aquillo que você proprio disse que era: um malandro!

Eu illumino-o á luz da sua propria argumentação e você surge sempre um malandro.

Ninguem dirá que eu não ponha esta historia do Cunha e Costa nos termos mais claros, mais nitidos, mais alvejantes, mais brilhantes. Eu aceito a sua argumentação, os seus termos, as suas premissas. Vou buscar esse arsenal. Pergunto-lhe: «são estas as suas armas? São estes os seus trophéus? E' esta a sua metralha? São estas as suas verdades?» E só depois d'elle me dizer que sim é que eu lhe dou com tudo isso na cara.

Quem poderá exigir de mim mais lealdade, mais claresa, mais logica, mais verdade?

Cunha, suppunhamos que foi uma infamia o eu servir-me das suas cartas. Você ha de concordar que foi uma infamia muitissimo maior o você servir-se das cartas do José Falcão! Cunha, suppunhamos que foi uma infamia o eu servir-me das suas cartas. Você ha de concordar que era uma infamia muito maior da sua parte estar-me a insultar, estar-me a calumniar, na hypothese de que essas cartas haviam de ficar ignoradas, escondidas, occultas, no sygillo da confissão! Você é um canalha, José Cunha. Não lh'o chamo, provo-lh'o. Ou, antes, não sou eu, é você que o prova! Você é um canalha!

Cunha e Costa podia-me pedir das suas cartas a responsabilidade de quizeresse. Estava vivo e são. Essas cartas eram exclusivamente politicas. Essas cartas não implicavam responsabilidade de terceiro. Essas cartas tanto eram minhas como eram d'elle. Essas cartas publiquei-as em minha legitima defesa. Todos fariam o mesmo. Mas José Falcão nem de perto, nem de longe, era chamado á pendencia. Mas José Falcão, nem directa, nem indirectamente, tinha que vêr com Cunha e Costa ou commigo. Mas José Falcão estava morto, e só um infame vae buscar um morto para injuriar um vivo. De fôrma que o mesmo grilheta que já se definiu malandro e tolo, acaba de se definir eloquentemente um canalha e um infame!

Sempre as palavras d'elle, sempre os argumentos d'elle!

Eu não sei se a tal supposta carta de José Falcão é falsa ou verdadeira, nem me importa. Dizem-me estudantes da Universidade de Coimbra, que ouviram da bocca de José Falcão o juizo que elle fazia a meu respeito, que não pôde ser verdadeira. Eu, repito, não me importo. Se é verdadeira, demonstra simplesmente que José Falcão era um espirito muito menos elevado e justo do que se dizia, porque José Fal-

cão, além de nunca ter falado commigo senão duas vezes, em que eu estava acompanhado pelo sr. Jacintho Nunes, não conhecia nenhum acto da minha vida que fizesse contrapeso aos sacrificios que a causa republicana me custara. Se é verdadeira, não é a mim que me deslustra, é a quem conhecendo as especulações d'um Carneiro, d'um Alves Correia, de um Gomes da Silva, d'um Terenas, de tantos outros, em logar de repellir essas especulações dava auctoridade ás infamias dos especuladores contra um dos pouquissimos que apresenta provas de sacrificios reaes e importantes pela causa republicana. Se é verdadeira, não sou eu que ella attinge, é a memoria d'aquelle que, combatendo por um ideal de regeneração e de justiça, poz acima da mesma regeneração e da mesma justiça os interesses d'uma quadrilha e d'uns quadrilheiros. A honestidade, a moralidade e a justiça não são umas na monarchia e outras na republica; são as mesmas em toda a parte.

Já protestei no meu livro contra essa tremenda immoralidade de se considerar um homem manietado a todas as infamias partidarias, pelo facto de ter entrado n'um partido. Já disse no meu livro que, d'essa fôrma, o partido é um syndicato, é uma companhia organizada, não para servir a nação mas para servir os interesses dos associados, dos syndicateiros. Foi por eu pensar assim, e por assim ter procedido constantemente, que José Falcão tambem me considerou traidor, ou coisa equivalente? Pois, se é verdade, honra á sua memoria e ao seu nome, que não me perturba nem me incommoda isso. Honra á memoria e ao nome de quem considerou meios honestos, de servir a moralidade republicana, ser conselheiro da monarchia com altos lucros e interesses e com preterição de empregados antigos e trabalhadores; ser empregado sem emprego e descompôr a monarchia pelos seus esbanjamentos e pelas suas sinecuras; ser portuguez para governar a vida e estrangeiro para governar a mesma vida; emfim ser tratante como o Cunha e Costa, sujo como o Heliodoro e como tantos outros Cunhas e Heliodoros de que está cheio o partido dos puros e honestos!

Honra á memoria e ao nome de José Falcão, como o José Cunha deseja e eu tambem!

Se, pessoalmente, me importasse alguma coisa a opinião do fallecido lente da Universidade de Coimbra, podia antepôr á opinião d'elle, que me não conheceu, a opinião d'outros que me conheceram. E seria a de todos os membros do directorio do partido republicano a que eu pertenci. Mas nem a necessidade o reclama, nem o meu orgulho o permite. Se eu basto só para correr a canalha toda com uma tranca, se eu sósinho os faço emmudecer a todos, se para mim é muito mais agradável esta lucta de um contra mil, para que me servia ou para que preciso eu que o sr. Manuel de Arriaga, o sr. Azevedo e Silva, o sr. Jacintho Nunes, o sr. Bernardino Pinheiro, e o proprio sr. Theophilo Braga digam o que pensam sobre a lealdade ou deslealdade com que servi no directorio, sobre a traição ou a dedicação da minha conducta? Que me

importa que se diga que o partido republicano é metade ou é todo contra mim, se eu nada pretendo senão mostrar que elle todo, embora lá tenha gente bem intencionada, falsifica o seu ideal e atraiçoa a sua missão?

Você, Cunha, é tão idiota, que até n'esse ponto me está offerecendo o posterior para eu lh'o encher de pontapés. Você é um tambor, homem. Mas olhe que bater tambem cança.

O que pretende você com essas tres columnas de transcripções do *Povo de Aveiro*? Demonstrar que digo mal do partido republicano e de varios republicanos? Você é um idiota, homem. Você pôde ser, outra vez lh'o digo, um magnifico sapateiro, mas para advogado e defensor de réos vê-se que o não fadou Deus nosso senhor. Você só mente em dizer que me confesso pertencendo ao partido republicano. Não confesso tal. Eu não pertenco a quadrilhas. Você só é velhaco em não transcrever senão pequeninos trechos das largas tosas que eu tenho dado em varios republicanos. Fóra isso, você n'esse ponto é tão verdadeiro, tão verdadeiro, que no proprio numero em que eu lhe arranco a pelle encho de chicotadas os luminares do partido republicano e o proprio partido que os admite e tolera.

Este imbecil a fazer cavallo de batalha d'aquillo que constitue a parte provada e assente d'esta catilina, dá vontade de rir. Pois qual é a origem d'esta carga com que eu o estou carregando, ó José Cunha? Não foi você quem me traidor, vendido, calumniador e tosador-mór dos seus correligionarios? Não foi o eu responder-lhe que tosador-mór dos seus correligionarios fui eu toda a vida e que você era um malandro,—isto é, o nome de malandro é seu, mas vamos lá, como já está consagrado empreguemol-o como de dominio publico—e que você era um malandro por isso que constitua agora um labeu infamante d'aquillo mesmo que fizera a minha corôa de glorias? Pois você, José, é tão apocado de juizo que me torna a offerecer pela centesima vez o posterior? Pois você foge para mim, em vez de fugir de mim? Eu dei, sim, dei e dou muita bordoadá no partido republicano. Por isso mesmo quanto mais você revolver o *Povo de Aveiro* mais malandro fica, como lhe vaticinei, porque mais provado fica que você é tão tratante que, não contente de ter commettido o crime que eu commetti, ainda continúa a lançar-m'o em rosto insistentemente.

Diga-me por uma vez quando é que você escolhe ser malandro: foi quando me achava honrado por eu combater os erros do partido republicano, as suas mentiras, as suas hypocrias, as suas immoralidades e as dos seus chefes, ou é quando me acha deshonrado pelo mesmo motivo? José, que não has de sahir d'este dilemma fatal!

O que eu escrevi a proposito da campanha da *Vanguarda* contra o commissario Pedroso de Lima foi que não era moral o procedimento do governo demittindo esse commissario sem demittir os seus chefes immediatamente superiores. Das duas, uma: ou o sr. governador civil de Lisboa e commissario geral da policia ignoravam ou não ignoravam os deli-

ctos commettidos pelo seu subordinado. Se não ignoravam, foram pelo menos cúmplices d'elle. Se ignoravam o que todo o mundo não ignorava, foram, pelo menos, relaxados e pouco zelosos no desempenho da missão dos seus cargos. Em qualquer caso deviam ser demittidos, quando o foi o sr. Pedroso de Lima. A doutrina moral e justa, a verdadeira doutrina, era esta. E continuava eu a dizer:

“O que indigna n'este paiz, servindo ao mesmo tempo de eloquente lição de moral, é esta triste coisa de ser feito tudo a fingir. Nem o procedimento da imprensa, nem o dos governos, nem o das autoridades subalternas, é guiado pelo respeito da verdade e do bem. E' sempre pelo interesse ou por outro mobil ruim. A *Vanguarda*, que tantas vezes tem applaudido as maiores immoralidades, que escreve, em letras garrafas, ou tem escripto muitas vezes, os nomes dos empregados publicos vivendo sem utilidade á mesa do orçamento, é dirigida por um homem que recebe, sem emprego, quarenta mil réis mensaes dos cofres publicos. A *Vanguarda*, que escreveu em grandes letras os nomes dos deputados, pares do reino e ministros monarchicos, que accumulavam e accumulam o cargo de directores e administradores de companhias com as funções legislativas, nunca teve uma palavra de protesto contra o deputado republicano que se encontra nas mesmas condições, antes lhe chama *puro e austero* pelo mesmo motivo porque chama aos outros *devassos e ladrões*. Emfim, a *Vanguarda*, que só viu agora os erros e os crimes do sr. Pedroso de Lima, não viu os crimes dos outros funcionarios, incursores nas mesmas culpas e nas mesmas responsabilidades.

Foi o espirito sereno da justiça que guiou o periodico do sr. Alves Correia? Não; foi, acima de tudo, o espirito de réclame e a necessidade de augmentar a venda do jornal. O que se chama *infamia* na monarchia, chama-se *honradez* na republica. Se o sr. Pedroso de Lima fosse republicano, em vez de monarchico, ou guardasse as costas dos arruaceiros em vez de lh'as pôr a descoberto, seria um *benemerito* para a *Vanguarda*,—a não ser que o Alves Correia visse grandes lucros em lhe chamar tratante, porque, então, não o poupava tambem,—como, para a mesma *Vanguarda*, o sr. Marianno de Carvalho é o *caixeiro do syndicato do Caes dos Soldados* (textual) e o sr. Teixeira de Queiroz o *illustre, honrado e talentoso* amigo.

Tudo uma mentira, um vil interesse particular, uma sordida especulação, e nunca o espirito ou as intenções elevadas do interesse publico, ou a linha recta da verdade e da justiça.

Esta moralidade d'um homem, que recebe ha dez annos quarenta mil réis dos cofres publicos, sem emprego, ser um porta-estandarte, com applausos geraes, da honra nacional, o campeão da dignidade e da virtude, ha de ficar, como um

dos stygmata mais indeleveis e fundos d'esta geração de desprezíveis. Tudo foi ignobil, n'essa campanha da policia de Lisboa, desde os precedentes até aos consequentes..”

Claro é, José Cunha, que a minha moralidade politica não é da laia dos que tomaram o *Casaquinha* como porta-estandarte da virtude publica, nem dos que consideram a campanha da *Vanguarda* como uma das glorias mais puras e mais brilhantes da democracia portugueza.

O que eu disse do sr. Rodrigues de Freitas era que sendo s. ex.<sup>a</sup> um homem honesto, tambem tinha, foi o termo, *raízes politicas de primeira ordem*. E, a proposito, lembrei que estando o partido republicano portuguez a citar todos os dias os exemplos da França não se lembrava de que a republica franceza, apesar do que por lá vae, era, ainda assim, a condemnação flagrante do immoralissimo partido republicano portuguez.

Em França, Grévy, um velho cheio de serviços e collocado na mais alta magistratura do paiz, era obrigado a descer do seu logar e a sahir do Elyseu só porque no seu palacio se commetteram traficancias. Em França, Floquet, que não é um Gomes da Silva, Freycinet, que não é um Cunha e Costa e um *Casaquinha*, eram obrigados a abandonar, um a presidencia da camara, outro o ministerio da guerra, só porque *souberam* da distribuição illegal dos fundos da Companhia do Panamá. Em Portugal, fazia-se causa commum com todos os especuladores insignificantes, sob pretexto de que era um erro politico alijal-os.

Perguntava eu: para que invoca o partido republicano portuguez o exemplo da França contra a monarchia, se esse exemplo ferre-o a elle primeiro do que a ninguem?

E escrevia então sobre o sr. Rodrigues de Freitas:

“Em Portugal o sr. Rodrigues de Freitas, o austero, não tem pejo de se sentar no parlamento ao lado do homem que representa a contradicção e a mentira de toda a propaganda do partido que o mesmo sr. Freitas representa! Em Portugal o sr. Rodrigues de Freitas ergue-se diariamente a protestar contra os escandalos da monarchia, sem uma palavra contra os escandalos republicanos que se aninham aos seus pés. Em Portugal o sr. Rodrigues de Freitas leva o comico até pedir em altos gritos informações sobre a Companhia Real quando, se se voltasse para o lado, o seu correligionario Teixeira de Queiroz de prompto lhe poderia satisfazer a exigencia, com menos barulho, menos tempo e mais precisão de que o sr. Freitas reclama da monarchia. E não ha um santo varão n'aquella camara, quando o sr. Rodrigues de Freitas fala da Companhia Real, que o deixe entendido no seu ridiculo, dizendo-lhe: “Porque não pergunta v. ex.<sup>a</sup> por esses assumptos a pessoa tão

autorizada e tão sabedora como o seu correligionario, amigo e collega, Teixeira de Queiroz?”

Era um áparte magnifico, que valia bem por um discurso! Mas ou estão todos tolos ou todos se entendem ás mil maravilhas.

Os honestos são como o sr. Freitas. E sendo os honestos assim, que admira que os outros sejam o que são?”

Sobre José Falcão, escrevi:

“José Falcão era realmente um homem honrado. Mas, para não fugir á regra geral da sociedade portugueza, era d'uma honradez incoherente e, até, incongruente. Assim se caracteriza este desgraçado periodo historico que vamos atravessando; é d'um espantoso desequilibrio intellectual e moral, de uma desigualdade, d'uma contradicção tão fulminante que, ás vezes, parece que Portugal é uma nação onde não existem senão doidos. Na verdade, só por um desarranjo mental se comprehendem muitos factos da nossa vida collectiva e muitos actos dos nossos homens publicos.

José Falcão, sendo um homem honesto, que vivia do seu trabalho, que não devia nada aos favores da monarchia, sendo republicano por um ideal de justiça e de reabilitação nacional, parece, esta é a logica dos factos e dos principios, esta é a conclusão fatal d'aquellas premissas, parece que não devia querer nada de commum com os tratantes nem com os especuladores politicos. Pois não era assim. Já n'outro dia tivemos occasião de escrever que José Falcão disséra na Granja, e não em Espinho como por lapso sahiu, que Santos Cardoso, esse infeliz que em parte nenhuma seria contado como homem de sociedade quanto mais como cabecilha politico, era o mais benemerito e prestadio dos republicanos portuguezes. José Falcão sabia que Alves Correia, por exemplo, combatendo no seu jornal, com apparencias de tigre, os funcionarios que recebiam gratificações extraordinarias, a ponto de lhes ter citado os nomes a todos, ha largos annos recebe quarenta mil réis mensaes como empregado da camara municipal, sem ter emprego; e em vez de se revoltar contra a evidente falta de sinceridade que esse facto, só por si, representa em Alves Correia, considerava-o um puro e escrevia-lhe cartas chamando-lhe o maior polemista e evangelizador da democracia portugueza. Emfim, José Falcão não ignorava nenhuma das grandes immoralidades, grandes e numerosissimas, do partido republicano portuguez, e transigia com ellas, e não julgava a pureza dos seus principios offendida com tantas especulações, e dava-se bem no meio dos outros partidarios. Como explicar esta fulminante contradicção de honestidade, de sinceridade, de honradez? Nós não sabemos. Mas, sem duvida, n'esse homem illustre que morreu ha dias, ha um exemplo eloquente do desequilibrio moral da sociedade portugueza..”

José Cunha, o lacaio, imagina

qualquer, porque seria dinheiro, sem duvida, mal adquirido, sendo roubado a pessoa desprevenida e não correspondendo a esse roubo uma somma bastante de trabalho, de energia ou de paciencia. Mas a banca e a industria eram a batalha, não eram o roubo. Todo esse oiro que elle tinha accumulado era o preço da sua actividade, da sua audacia de jogador, da sua imaginação de negociante, da sua superioridade intellectual. Ora, não ha duvida, comprehender e absolver assim os negocios, é proclamar com sophisma o direito do mais forte e do mais astucioso; é admittir que a caça ao dinheiro, no fundo e apezar das apparencias, se faça nas mesmas condições que a caça de presa dos homens da idade de pedra. Mas esta consideração pouco impressionava o barão Issachar. Julgava que a moral dos conquistadores era muito boa para elle e

estas minhas palavras sobre Rodrigues de Freitas e José Falcão deshonrosas. Está no seu campo. E como eu estou no meu, ahi as transcrevo por inteiro para *satisfazer* os meus calumniadores.

Emfim, ao sr. Eduardo de Abreu e Jacintho Nunes nunca perdoei, nem perdoarei, entre outras coisas, a solidariedade parlamentar com o sr. Teixeira de Queiroz. Andou o partido republicano uns poucos d'annos a pugnar pelas incompatibilidades parlamentares. O *Seculo*, os *Debates* e ainda ultimamente a *Vanguarda* chegaram a publicar, em letras garrafas, os nomes dos monarchicos que accumulavam funções do poder executivo e legislativo com os cargos de directores e administradores de companhias. Apontaram-nos assim á execração publica. Mas, de repente, apparece um republicano nas mesmas condições. E, de repente, esse partido ajoelha-lhe aos pés e chama-lhe talentoso e querido amigo. E, de repente, esse partido deita para o canto toda a sua feroz propaganda. E, de repente, esse partido, a troco d'um homem, atraiçoa uma idéa, uma doutrina, um principio de moralidade e de virtude.

Repito: quem acreditará na sinceridade do partido republicano depois de tantas e tão repetidas mentiras? Como julga Cunha e Costa desacreditar-me dizendo que faço consistir a minha maior gloria em combater esse partido?

Sim, Cunha. E' esse o unico serviço que tenho prestado á sociedade portugueza. E' esse de eu ter esmagado a hypocrisia com mais coragem do que ninguem.

Sim, Cunha, orgulho-me de ter feito mal, não ao partido republicano, mas á quadrilha que deshonrou esse nome. Sim, Cunha, enquanto o partido republicano não correr com você e outros como você a pontapé, o partido republicano está deshonrado e, como tal, só merece a reprovação das consciencias honestas. Sim, Cunha, a centessima prova de que você é um garoto é vir dizer que se sahiu a injuriar-me por ver que eu pretendia voltar ao partido republicano ao mesmo tempo que publica trechos do *Povo de Aveiro* em que, n'esse mesmo instante, eu reprovava solemnemente o mesmo partido. Como fustigava e castigava eu o mesmo partido a que queria regressar, e na mesma occasião em que você apregoa esse regresso?

Você, Cunha, ha de sahir d'esta historia cheio de mazellas por todos os lados. Eu volto-o e revolto-o e você infame e canalha a todas as voltas e revoltas. E demais!

Mas vamos ao fim. Eu não lhe paguei a viagem a Coimbra, Cunha. Essa pagou-lh'a o cofre secreto do partido. A que eu lhe paguei foi a de Lisboa para Coimbra. Essa é que fui eu.

Eu não lhe lancei em rosto esse dinheiro, Cunha, nem a hospitalidade que lhe dei. O que lhe lancei em rosto foi a sua infamia de tentar enlamear a casa que o

abrigou. Ahi é que você é, aliás como sempre, um infame.

Eu não insultei José Elias no dia do seu enterro. Fugi á immoralissima conducta jornalística de infamar um homem em vida e fazer-lhe a apothose quando morto. Fiz justiça ás qualidades boas e más de José Elias. E a esse respeito me escreveu você, dizendo:

«V. parece que esqueceu os amigos. Nem uma linha sequer lhes envia. Que demónio! Olhe que ha quem lhe seja sinceramente dedicado, creia-o. Nem todos são da opinião que o Elias *vouga ao céu nas asas da immortalidade*.

E, a proposito, recebi hoje o *Povo de Aveiro* e li o seu artigo que achei excellento. Sómente me parece que o artigo deve levantar muita coleuma e muita rosna della ás suas canellas.»

O artigo foi o que escrevi sobre a morte de José Elias! Pois o miseravel rosna agora surdamente áquillo a que ladron alegremente e não quer que eu lhe publique as cartas? Miseravel!

Mas vamos ao fim.

Cunha e Costa prometteu, na *Voz Publica* de sabbado 16 de setembro, falar de mim *vinte e seis* vezes por mez. Falou seis e já declarou categoricamente que falou a ultima!

José Cunha principiou com impetuosos ferozes. E acabou, como se viu, n'uma brandura extrema!

José Cunha acabou onde não podia deixar de acabar. Começou leão e acabou *sendeiro*.

*Sendeiro*, depois de tudo!

José Cunha acabou quando tinha razões para principiar. Eu disse: «Se José Cunha rabiar, e rabiar de fórma que eu veja que vale a pena incommodar-me outra vez por sua causa, **provaré** que estão na Penitenciaria gatunos por crimes communs inferiores áquelles que o **membro da commissão directora do partido republicano do norte do paiz** tem commettido desde que fixou residencia no Porto.»

Era d'esperar que Cunha e Costa, o que teve **entradas de leão**, me intimasse a **provar** a minha terrivel accusação. Pois quem vê o que elle responde, elle o das **entradas** de leão com adjectivos, vá lá em verso, com adjectivos de trovão? Oçam e pasmem!

“Ha apenas uma villania final da qual, incidentemente, direi duas palavras. E' quando o sr. Homem Christo (como elle está delicado e manso!) me appellida de *escroc*.

Espera talvez o sr. Christo uma replica violenta. Se assim é, enganase redondamente.

Olhe, sr. Christo, o sr. afinal é um grande desgraçado (só quando lhe chamei *escroc* é que se fez sentimentalista e é que se poz com lamurias!...) porque a loucura da perseguição o arrasta aos mais criminosos excessos! O sr. se um dia a velhice, a experiencia e o arrependimento o tornarem melhor, ainda ha de ter sinceros remorsos de algumas accusações que me dirigiu e com que procurou macular o começo da minha vida publica (quem souber ler por entrelinhas verá que aqui está escripto a cada passo: “tenha dó de mim, tenha dó

muito perto de doze milloes. E, em paga d'esses serviços, quando no anno anterior exprimi muito discretamente ao principe o desejo natural de obter a concessão das minas de cobre recentemente descobertas na Alfania, não obteve de Sua Alteza senão uma resposta embaraçada e equivoca.

Julgal-o-hia o principe um tolo? Era esperar d'elle um desinteresse muito proximo da loucura e na conta de tolo é que elle não queria que ninguem o tivesse. E apossou-se d'elle um bocado de amargura.

Eis que, uma manhã, a propria manhã do dia em que o principe chegava a Montclairin, trouxe-lhe o correio uma carta da administração da Companhia dos Caminhos de Ferro do Este e outra carta da viscondessa de Moreno, acompanhadas de facturas.

(Continúa.)

## FOLHETIM

— 35 —

## OS REIS

Em 1900

IX

E era exactamente pelas janellas que o barão lançava o seu, pelo menos ao que se viu. Entretanto, o barão sabia sempre onde ia cahir esse dinheiro arremessado ás mãos cheias e com ar de completa indifferença. E esse homem, que offerecia aos museus nacionaes quadros d'um milhão obtidos na America a preços excessivos, e que, a cada catastrophe retumbante,—inundação, incendio, tremor de terra, explosão de minas—se inscre-

via no *Figaro* com cem mil francos, era em sua casa um homem durissimo, meticuloso e mesquinho, como uma governante com a monomania da *poupança*.

E não era avaro. Salvo em raros minutos de inadvertencia em que a sua judiaria nativa reaparecia mesmo contra vontade sua, não amava o dinheiro pelo proprio dinheiro, mas por aquillo que elle representa, pelo poder de que é signal e instrumento. E tambem lhe não faltava uma certa probidade. Para fazer a sua fortuna enganára e roubára uma multidão de desgraçados, mas de longe, por meios indirectos, sem vêr a sua ruina e as suas lagrimas. De resto, elles que se acantelassem e desconfiassem, como elle se acantelava e desconfiava de todo o mundo. Certamente que no tempo da sua miseria nunca se teria apropriado, por ganunice declarada, da carteira de

de mim!) e desvirtua pela calumnia as angustias e os esforços da minha existencia de trabalho. Se o sr. soubesse avaliar as luctas, os dissabores, as resistencias de todo o genero com que desde creança me vi obrigado a arrostar, se conhecesse as particularidades da minha vida, se medisse bem a somma de coragem que por vezes me tem sido necessaria para caminhar sem transigencias, talvez não descesse ao emprego de processos que á sua consciencia deviam repugnar, se o odio, o rancor e a sua organização insoaciavel lhe não roubassem por completo a indispensavel serenidade.

Men caro José Cunha, oiço e percebo o seu grito de piedade que, repito, surge das entrelinhas a cada instante. Oiço isso e sei que vivo n'um meio sentimentalismo. Tendo-o eu estendido no chão a pontapés, a multidão não faltaria, voz em grita, a acusar-me de cruel, se eu, vendo-o prostrado, lhe triturasse agora o corpo!

José Cunha, você, o leão de 16 de setembro, cahiu tanto que até já agradece á imprensa monarchica não ter agarrado nos meus argumentos para lhe esmigalhar o craneo. Tal é a consciencia que você tem da sua quédala!

Pois bem, meu caro José Cunha, eu calo-me, não tanto por piedade, porque você é um infame que a não merece, como por conveniencia. Convém-me deixá-lo no chão, a que o lancei, amarrado pela gargalheira como uma fera.

Oiça, José. Eu conheço a historia do saque dos cincoenta mil réis. Não direi mais nada. Só lhe direi que se isso fosse um acto da vida particular, nenhum gatuno iria para a cadeia.

Não direi mais nada, José. Mas você fica ali quieto, manso, amarrado. No dia em que tentar de novo abrir a bocca, levanto a bota e esborracho-o.

Adeus, José. Você será prudente. O Carneiro, que já não pia, há de sel-o tambem.

Adeus, que vocês dois estão arrumados.

Lumiar, 13-10-93.

FRANCISCO M. HOMEM CHRISTO.

O penultimo numero do Povo de Aveiro sahiu com varias incorrecções, como já sahira a ultima carta publicada pelo sr. Homem Christo no Primeiro de Janeiro e transcripta para aqui. Mesmo incorrecções orthographicas, diga-se para prevenir qualquer atrevimento de meticulosidade.

A brevidade com que foi composto e impresso esse numero deu lugar a taes incorrecções.

Compram-se n'esta redacção exemplares do n.º 675 do «Povo de Aveiro», de domingo 8 do corrente.

A'S TYPOGRAPHIAS

Colla para relos Melaco

Potassa para lavar os typos

Papel para jornaes de todos os formatos

Dirigir pedidos a ARTHUR PAES - Aveiro.

ARMAZEM DE AZEITES E VINAGRES

DE

JEREMIAS DOS SANTOS MARQUES

Azeite fino, de Castello Branco, a 28200 réis os 10 litros.

Vinagre branco e tinto, qualidade superior, a 14500 réis os 20 litros.

LARGO DO ESPIRITO SANTO (Ao Chafariz)

## Advogado

MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

RUA DA VERA-CRUZ

AVEIRO

Está no Hotel Central o socio da firma Almeida & Silva, de Lisboa, que foi encarregado da installação do pára-raios no edificio da Camara Municipal.

Este senhor já tem aquisição de mais pára-raios para diversas casas particulares, entre ellas as dos ex.<sup>mos</sup> srs. dr. Alvaro de Moura, Mendes Leite, Rebocho, etc.

## NOTICIARIO

### Tempo

Não obstante os prenuncios de Noherlesoom, esta semana temos tido uns bellos dias: o céu sem nuvens que lhe empanem o limpido azul, e o sol dardejando á vontade, a illuminar o espaço e a acariciar-nos o espirito com a meiguice ridente da sua tepida calentura.

Dizem os astrónomos borralheiros que estes lampejos primaveris são as primicias do verão de S. Martinho—quadra que, por estes sitios, não é menos bella nem tem menos encantos do que o mais poetico abril.

### Pharol

O pharol da Barra d'esta cidade foi entregue hontem á capitania do porto, e, como já dissemos, é hoje accésso definitivamente.

Ante-hontem foi aberto o telephone entre esta cidade e o Forte; mas a ligação deve ser brevemente mudada para um edificio do pharol, que para esse fim vae ser adaptado.

### Alexandre da Conceição

Passou no dia 11 do corrente o 4.º anniversario da morte de Alexandre da Conceição, o vibrante poeta e distincto escriptor.

### Os frades

Lê-se no *Jornal Constituinte*, de Agueda:

“Consta-nos que os herdeiros do dr. José Henriques Ferreira vão vender o antigo convento e matta adjacente, aonde viveu aquelle velho liberal, em Serem, e que se propõem a comprá-lo os jesuitas, que se vão entrincheirando nas diferentes povoações do reino.

Faltava-nos mais isto dentro do nosso concelho—jesuitas!

Mas, como tem bons fundos, e ninguém pôde competir com elles, acreditamos que os jesuitas vão obter essa importante casa e quinta, que outr'ora fôra morada dos frades cruzios.”

Vão devagar, mas vão minando sempre. E hão de ir longe, se não houver quem com pulso firme lhes entreve o caminho.

### Antonio dos Reis

Este habil fnuccionario, que pela ultima reforma das obras publicas havia passado á inactividade, aoba de ser reintegrado no seu lugar de conductor de segunda classe, apresentando-se hontem ao sr. engenheiro Mello de Mattos, chefe da secção hydraulica d'Aveiro, onde o sr. Reis foi collocado.

Deve começar hoje a publicar-se em Oliveira de Azemeis um semanario republicano, baptisado com o nome de—*A Alvorada*.

### Feira da Vist'Alegre

Foram importantes as transacções realisadas na feira da Vista Alegre, de ante-hontem. Entre os artigos de offerta ordinaria, abundou em cereaes, especialmente em feijão, sendo os preços já um pouco mais altos, sobretudo o do milho, que mostra ainda tendencias para subir.

Tambem foi abundante a offerta de porcos cevados, de que se vendeu grande numero, a preços, no geral, bastante razoaveis.

### A roubalheira

Na repartição telegrapho-postal de Benavente foi encontrado um alcance de 200\$000 réis. E continuar-se-ha.

### As engulas

A Academia das Sciencias de Roma acaba de descobrir que as engulas contém um veneno semelhante ao das vitoras, com a differença de não o terem localisado na bocca como estas.

Uma enguia de 2 kilogrammas de peso contém no seu sangue uma porção de veneno bastante para matar dez pessoas.

Cosida a enguia o veneno torna-se inoffensivo, mas ainda assim a Academia aconselha todas as pessoas que tem lesões organicas a absterem-se de comer o saboroso peixe.

A apostar em como, apesar d'isso, os proprios senhores da Academia não resistiam a uma caldeirada preparada á moda de Aveiro!..

### Ainda os gatunos

Consta-nos que operaram de novo, em a noite de quarta para quinta-feira ultima, tentando abrir algumas portas nas ruas Nova e do Caneiro. Quando trabalhavam, os larapios foram sentidos pelos locatarios e postos em fuga.

A casa do sr. João Conceiro, na Preza, tambem foi assaltada; mas os ratas tiveram igualmente mau exito.

### Neve

Os pincaros da Serra da Estrela já alvejam cobertos de neve, que ha dias alli cahie abundantemente.

Imagine-se o frio que nos espera pela práal!

### Com 100 annos e 9 mezes

Falleceu na freguezia de Ul, concelho de Oliveira de Azemeis, uma mulher de nome Anna Troia, com aquella respeitavel idade.

### As obras da barra

Parece que, devido aos esforços do sr. Mello de Mattos, o governo resolveu dar já um subsidio de 2:000\$000 réis para a construcção dos redentes da barra, obra que se está tornando cada vez mais urgente.

### Naufragio

Naufragou em Vigo o hiate *Valladares IV*, pertencente á praça de Caminha, salvando-se apenas dois tripulantes.

Os jornaes de Vigo dão alguns pormenores a respeito do naufragio.

Fazia grande temporal. O hiate arrastado pela corrente, e quando com mais furia se desencadeava o temporal, foi de encontro ás rochas das ilhas Gies, ficando despedaçado e desaparecendo immediatamente.

Eram 2 horas e meia da madrugada de domingo. As ondas batiam com tremendo fragor os penhascos da costa, e dos tripulantes da *Valladares IV*, só dois restavam vivos. Um d'elles fôra lançado pelo mar sobre a terra firme, mas o outro ficára mettido entre os rochedos, com o corpo maguado, e sem poder fazer o mais insignificante movimento.

Quando amanheceu poderam dirigir-se para uma fabrica de conservas que ha nas immediacões onde se dêra o naufragio, sendo alli soccorridos e fornecidos de roupas e depois conduzidos para Vigo.

A tripulação do hiate compunha-se do mestre José Marques, de 54 annos de idade, do contra-mestre seu filho Manuel Marques, de 24 annos, e dos marinheiros Edmundo de Paula, Antonio Brigido, Antonio Teixeira e João da Cunha.

Salvou-se este ultimo, que só tem 15 annos de idade, estando

muito confusinado. O outro que se salvou é o filho do mestre Manuel Marques, que ficou com o corpo muito ferido.

### Contra a ralva

No instituto bacteriologico de Lisboa está-se procedendo, em câes, a experiencias do afamado remedio cuja fórmula pertence á familia Sousa, de Santo Thyroso.

### Execução capital

Effectuou-se ha dias em Albi, França, a execucao capital d'um faccinora chamado Veyrios, que assassinára seu proprio pae.

Depois de o haver conservado dentro d'uma pipa, n'uma adega, onde o desgraçado velho morreu de fome e de sede, Veyrios estendeu sobre uma cama o cadaver do auctor dos seus dias e foi em seguida chamar um padre, para que viesse sacramental-o.

O padre, porém, reconheceu sem difficuldade que o estado do cadaver denotava que a morte, além de não ser recente, fôra violenta, e deu parte do occorrido, vindo a apurar-se o nefando crime.

A' execucao, que foi dirigida pelo célebre carrasco de Paris, Deibler, assistiu uma enorme multidão.

A lugubre cerimonia durou apenas 6 segundos.

### DIVERSAS

Aveiro tem ultimamente sido muito visitada por banhistas de Espinho.

E' actualmente importante o movimento em o nosso mercado de sal. Grande parte d'elle destina-se aos portos de Hespanha.

Partiram d'aqui algumas embarcações para o Algarve, onde devem carregar fgo para esta cidade.

O nosso mercado de cereaes está animado. Tem havido larga exportação de feijão, que por isso subiu de preço, com tendencia de encarecer mais.

Nas tabernas da cidade tem subido muito o preço do vinho. Actualmente regula de 130 a 150 réis cada litro.

### Perda d'um couraçado russo.—Muitas victimas

A marinha de guerra da Russia acaba de perder o couraçado guarda-costas "Roussalka", com 166 homens de equipagem e 18 officaes. Ninguém se salvou!

A'cerca d'esta horrivel catastrophe publicou o "Mensageiro official", do governo russo as seguintes informacões:

O estado-maior geral da marinha

recebeu em 10 de setembro, de commandante do porto de Swasborg, uma participacão annunciando que o mar arrojára ás costas das ilhas de Sandhamn, Kemare e outras, situadas na proximidade de Helsingfors, diversos fragmentos d'um navio naufragado, taes como um pedaço de passadiço, nove macas ligadas umas ás outras, tres embarcações despedaçadas com o nome do couraçado guarda-costas "Roussalka", e o cadaver d'um marinheiro.

Como se sabia já que o couraçado "Roussalka", partira de Revalia em 7 de setembro, ao mesmo tempo que a canhoneira "Toutcha", para se dirigir a Bjorko-Sund pelo archipelago costeiro de Finlândia e que depois não houvera mais noticias d'elle, comquanto a canhoneira aportára a Bjorko em 10 de setembro ás 3 horas e meia da tarde, tomaram-se immediatamente as disposições para enviar á procura do navio desaparecido o cruzador "Keisser", a canhoneira "Toutcha", e os navios disponiveis dos portos de Reval e de Helsingfors.

Além d'isto, o yacht "Roxana", dois vapores-pilotos fulandezes e o vapor da Sociedade dos Salvadores de Reval foram explorar as ilhas e o littoral para colher informacões.

Até ao presente, apenas appareceram os fragmentos e o cadaver acima indicados, e nada se sabe da sorte do couraçado "Roussalka". As investigacões continuam.

O couraçado era commandado pelo capitão de fragata Victor Christonovitch Jenisch, que tinha por immediato o capitão de fragata Nicolau Nicolaievitch Pretopow.

O sr. Antonio José Carlos Silva, ex-sargento do exercito, demittido por causa dos acontecimentos de janeiro, encontra-se de ha muito luctando com grandes difficuldades, aggravadas agora com um penoso soffrimento. Foi nomeado telegraphista para a Beira (Moçambique), mas o seu estado de saúde não lhe permittiu seguir a viagem, o que fará no mez proximo. Qualquer auxilio pecuniario que lhe seja destinado é bem merecido. O sr. Silva reside na calçada da Patriarchal, 11, Lisboa.

### Novo combustivel

Está-se generalizando nos Estados Unidos o uso da serradura de madeira em vez do carvão, como combustivel.

Uma fabrica de Fairfield ha longos annos que adopta a serradura como combustivel e diz-se que economisa annualmente 10 mil dollars, comparando a despeza d'este desperdicio de madeira com a do carvão.

# O MAIS IMPORTANTE

MANUEL JOSE' DE MATTOS JUNIOR (MANUEL MARIA)

AVEIRO

COM ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Vinhos engarrafados, genebra, cognac e licores. Um grande sortido de bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz.

Variado sortimento de artigos para caça. Louça de Sacavem e estrangeira.

Nova marca de café moido especial e muito economico, vendendo-se cada kilo a 640 réis.

Em todos os artigos se garante a boa qualidade e toda a modicidade de preços.

## O MAIS IMPORTANTE PARA AVEIRO

Grande deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, vendidos quasi pelos preços do Porto, como se vê das tabellas que podem ser requisitadas n'este estabelecimento.

Aqui não ha competidores!! E' ver para...

UNICO DEPOSITO EM AVEIRO.

Satisfazem-se encomendas pela tabella do Porto, sendo as despezas á conta do freguez.

**DICCIONARIO**  
DE  
**MEDICINA POPULAR**  
DO  
**D. CHERNOVIZ**

2 Volumes em-8° de 1200 paginas  
Ornados de 913 figuras

**GUILLARD, AILLAUD & C<sup>IA</sup>**  
242, Rua Aurea 1° — LISBOA

**ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO**

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

**CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA**

Compendio para as escolas, em conformidade com os programas d'ensino elementar e d'admissão aos lyceus

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

**FABRICA  
DE MOAGEM A VAPOR**

DE

**MANUEL CHRISTO**N'este estabelecimento vende-se  
farinha de milho, a toda a hora do  
dia.

Compra-se milho.

**ARROZ:**Compra-se arroz  
com casca e vende-

se a retalho, já descascado.

Em vendas por junto, faz-se abatimento.

**RUA DOS TAVARES  
AVEIRO****HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE****O caso do convento das Trinas**EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes,  
na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

ACCACIO ROSA

**A NOSSA INDEPENDENCIA  
E O IBERISMO**

OBRA illustrada com o retrato do auctor e prefaciada por Antonio de Serpa Pimentel, ministro de estado honorario, par do reino, conselheiro de estado, gran-cruz da Torre e Espada, etc.; e precedida de cartas ineditas, expressamente dirigidas ao auctor, pelos reconhecidos pensadores Conde de Casal Ribeiro, G. Azcarate, Oliveira Martins, Raphael M. de Labra, Alves Mendes, Fernando Anton e Thomaz Ribeiro.

Preço 600 réis.  
Vende-se nas livrarias das principaes terras de reino e remette-se pelo correio a quem mandar a respectiva importancia a Accacio Rosa, Verdemilho, Aveiro, ou á livraria editora de Francisco Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

**MANUAL**

DO

**CARPINTEIRO E MARCENEIRO**

Este manual que não só trata de Moveis e Edificios, é um tratado completo das artes de Carpinteria e Marcenaria adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

A obra está completa.  
Todas as requisições devem ser feitas aos editores

**Guillard, Aillaud & C<sup>a</sup>**  
Rua Aurea, 242, 1.° — LISBOA

**Cosinheiro Familiar****Tratado completo de copa  
e cosinha**

POR A. TAVEIRA PINTO

Valiosa colleção de receitas para fazer almoços, lunchs, jantares, merendas, ceias, molhos, pudins, bôlos, doces, fructas de calda, etc., com um desenvolvido formulario para licôres, vinhos finos e artificiaes, refreos e vinagre. Ensina a conhecer a pureza de muitos generos, a concertar louças, a evitar o bolor e maus cheiros, a limpar os objectos de zinco e de esmalte, a afugentar as formigas e contém muitos segredos de importancia para as donas de casa, creadas e cosinheiros.

Neste genero, é o livro melhor e mais barato que se tem publicado.  
Preço 200 réis.  
Está á venda nos kiosques e livrarias do reino, ilhas e Africa.  
Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia em cedulas, devem ser dirigidos ao editor—F. Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

**REMEDIOS DE AYER**

**Vigor do cabelo de Ayer.**—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

**Peltoral de cereja de Ayer.**—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra sezões.**—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

**Pillulas catharticas de Ayer.**—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

**ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD**

Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo por que um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tratamento da Indigestão, Nervoso-Dispepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes JAMES CASSELS & C.<sup>a</sup>, rua de Mousinho da Silveira, 85, 1.°—PORTO, dão as fórmulas aos srs. facultativos que as requisitarem.

**Perfeito desinfectante e purificante JEYES** para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou no-dos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drograrias. Preço 240 réis.

EDITORES — BELEM & C.<sup>a</sup> — LISBOA**A VIUVA MILLIONARIA**

Ultima producção de

**EMILE RICHEBOURG**Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita e a Esposa*

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

**BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES**

Uma estampa em chromo, de grande formato, representando a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahe em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes — Rua do Espirito Santo.

**O REMECHIDO**

*Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguelista*

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.  
Illustrada com o retrato do biographado.

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis; e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.

**JOAQUIM JOSE DE PINHO**

ALFAYATE E MERCADOR

**AVEIRO E ARCOS DE ANADIA**

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chales pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos. Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

**ESPECIALIDADE EM GABÕES**

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

Administrador e responsavel—José Pereira Campos Junior